

Memórias de Telespectadores dos Anos 1970: Publicidade¹

Beatriz de Almeida Matos FENGA
Bruno Rodrigues de MORAIS
Jorge William Rodrigues da SILVA
Juliana Silva VIEIRA
Karoline Araújo dos SANTOS
Natasha Kassabian ROSA
Robson Leal de Sousa SANTOS
Sofia Fioramonte MAROTE²
Heidy VARGAS³

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O projeto de documentário sonoro, feito com alunos do segundo semestre de Rádio, Televisão e Internet, visa valorizar o ato de ouvir e contar histórias, resgatando as memórias de telespectadores, moradores do grande ABC Paulista, dos anos 1970 sobre o tema “Publicidade”. O projeto foi fundamentado nas técnicas da História Oral, privilegiando o discurso baseado na experiência pessoal de quatro colaboradores e nos métodos de produção do documentário sonoro. Técnicas provenientes do rádio também foram utilizadas na produção, tais como construção de paisagens sonoras. Além da produção do documentário sonoro, o projeto também constituiu em um ensaio fotográfico - igualmente integrado à temática de resgate das memórias da época retratada, com documentação das imagens descritas -, construção de roteiro para rádio, pautas e técnicas de entrevista.

PALAVRAS-CHAVE: década de 1970; documentário sonoro; história oral; memória; publicidade.

1 INTRODUÇÃO

A década de 1970 foi marcada pela severa repressão da Ditadura Militar que, sendo instaurada em 1964, chegou a seu ápice nesse período. Nessa época houve também o grande crescimento de vendas de aparelhos televisores, que tiveram alguns incentivos

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade RT 01 Programa laboratorial de áudio (avulso ou seriado).

² Aluna líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso Rádio, Tv e Internet da Universidade Metodista de São Paulo, email: pimetodista@outlook.com.

³ Orientadora do trabalho. Professor do Curso Rádio, Tv e Internet, email: heivargas@ig.com.br.

estatais para seu desenvolvimento e popularização, já que o governo encontrou nesse meio de comunicação uma forma de promover e legitimar o Regime.

Nesse contexto, os meios de comunicação eram submissos ao governo, que se utilizava da publicidade para proliferar o nacionalismo no país e mostrar à população a eficiência do regime vigente, além de valorizar a cultura brasileira. Com isso, houve o *boom* das agências publicitárias, recebendo investimentos estrangeiros e nacionais, e sendo reconhecidas mundialmente.

Este projeto foi desenvolvido sob a ótica da expansão da televisão e do mundo publicitário brasileiro, e teve como objeto central um documentário sonoro previsto no projeto pedagógico do curso de Rádio, Televisão e Internet da Universidade Metodista de São Paulo. Este projeto integrado do segundo semestre acadêmico reúne, entre outras temáticas, a proposta da História Oral. Nele, além do documentário sonoro, o grupo elaborou um ensaio fotográfico, todos integrados com o resgate às memórias da época retratada, com ênfase nas propagandas, bem como documentação dos depoimentos e das imagens descritas pelos telespectadores, além de uma pasta de produção com os conteúdos das temáticas aplicadas na prática.

2 OBJETIVO

O principal objetivo deste ~~projeto~~ documentário sonoro é resgatar memórias televisivas e ~~radiofônicas~~ de telespectadores, moradores da região do Grande ABC, na década de 1970, aplicando as técnicas da História Oral para coletar seus depoimentos e métodos de criação e produção do documentário sonoro.

3 JUSTIFICATIVA

A televisão tem um papel significativo na formação de pensamentos, atitudes e costumes dos brasileiros, contribuindo diretamente para a construção da identidade do país ao longo das décadas. O projeto apresentado visa captar os relatos de lembranças dos moradores da região do Grande ABC paulista, que compartilharam seus sentimentos e mostraram como determinada mensagem era recebida durante as exibições das propagandas na televisão na década de 1970.

O documentário sonoro para rádio é valorizado, pois o meio de comunicação possui grande poder de instantaneidade e possibilidade do próprio ouvinte criar imagens e estimular sua criatividade. Através do que se ouve e, despertando sensações as quais outros

meios não são capazes de proporcionar, o documentário situa, assim, o ouvinte nas histórias retratadas, fazendo-o participar e se aproximar de sentimentos similares aos dos entrevistados.

Os jingles televisivos marcaram uma fase da vida dos colaboradores. Eles recordaram, cantaram e reviveram lembranças, protagonistas na condução do documentário sonoro. Foi de suma importância deixar o produto com uma parcela maior de momentos felizes, alegres e musicalizado – acarretando em backgrounds e tons de locuções com mais ritmos e com predominância de fala em médio/agudo -, mesmo dentro de um período histórico-político difícil para o nosso país, que também foi tratado, mas de forma sucinta.

“Uma imagem vale mais que mil palavras”. O rádio é um veículo de comunicação que utiliza mil palavras para criar cada imagem na mente do ouvinte. Isto acontece pela união de fatos vividos, experiência de vida, conhecimento [...], a mente humana é educada para a imaginação. (BALDO, 2006, p. 2)

“A história cotidiana de cada sujeito é fundamental para a formação de uma nova memória social.” (MUSEU DA PESSOA, 2006). Por meio das recordações individuais é possível traçar as relações estabelecidas entre a sociedade da época, a mídia de massa e a situação histórica e política do país.

O tema foi “Publicidade na década de 1970” e o ponto central é a relevância da contribuição pessoal dos colaboradores em relação às suas lembranças e, principalmente, a forma com a qual as propagandas da época influenciaram suas vidas, pois os comerciais veiculados atingiam um público heterogêneo, que apresentava reações e sentimentos diferentes. Além disso, muitas vezes as memórias televisivas estão diretamente vinculadas a algum lugar ou situação pessoal vivida pelo colaborador, o que confere caráter exclusivo às lembranças de cada entrevistado, sendo parte de sua história, devidamente respeitada.

Dentre as variadas funções de um profissional de Rádio e TV, uma delas é de construir e representar histórias vividas por telespectadores em documentários – seja em formato radiofônico ou televisivo - narrativas e, até mesmo, em filmes que se baseiam em fatos reais. Por meio das entrevistas feitas aos colaboradores, dá-se importância e singularidade às memórias relatadas pelos entrevistados e a montagem de pautas e suas funções são estudadas em diferentes tipos de meios de comunicação. A partir disso, é criada maior sensibilidade ao analisar efeitos sonoros, músicas, jingles e efeitos de transição em programas de rádio. Da mesma forma, obtêm-se oportunidades de explorar os variados gêneros radiofônicos e a fotografia é usada para exibir as memórias relatadas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No livro “Memórias de Velhos”, de Ecléa Bosi (1979, p. 84) a autora indaga: “Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta”. Tendo como base essa pergunta, o grupo foi provocado a criar os processos e métodos de produção do documentário sonoro com base nas técnicas da História Oral.

Mas o que é História Oral? A sua definição é uma tarefa difícil. Afinal,

essa prática, além de nova, é bastante dinâmica [...], consiste em gravações de pessoa a pessoa, em fitas e vídeo. Tudo prescrito pela existência de um projeto. [...] Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva [...] a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural. [...] É uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos. (MEIHY, 2002, p. 13-14)

Sendo assim, o discurso é baseado na experiência pessoal dos colaboradores, explorando três palavras chaves: histórias, lembranças e experiências empíricas, ou seja, vivenciadas. Para isso, nada melhor do que buscar pessoas comuns que presenciaram a década de setenta em seus contextos sociais, políticos e midiáticos.

A partir dessa premissa, portanto, foram realizadas dezesseis pré-entrevistas com todos os possíveis colaboradores, e elaboradas pautas para cada um deles, destacando os pontos fortes das histórias lembradas e principais dados, método aprendido em sala de aula. Após a análise de cada pauta, foram escolhidos quatro convidados-participantes: Rejane Correia, Hélio Rossi, Rodolpho Panico e Francisca Rossi, que contaram suas memórias e opiniões, permitindo ao grupo tecer um micro panorama de especificidade da cultura do Grande ABC Paulista e, mais do que isso: traços culturais do estado e/ou país. Os critérios de escolha foram simples: além de escolher pessoas que moravam na região do ABC Paulista e tivessem vivido a década de 1970, o grupo priorizou quem tinha mais memórias para compartilhar, ou seja, mais história para preencher e enriquecer o documentário sonoro.

Outro elemento da História Oral é a oralidade, podendo ser definida como uma gama de expressões verbais (fala) que se soma a uma ampla manifestação gestual (expressões faciais e corporais). Em outras palavras, é uma emoção transmitida por todos os sentidos cognitivos do entrevistado; já fonte oral “é todo e qualquer recurso que guarda

vestígios de manifestações da oralidade [...] em documento” (MEIHY, 2002, p. 17).

Durante cada depoimento, essas manifestações verbais e gestuais foram percebidas nitidamente, enfatizando as emoções e intenções vindas do conteúdo das lembranças, desde as gesticulações acerca dos produtos anunciados nas propagandas, até a expressão do riso, empolgação, pesar ou mesmo indiferença. E, ainda que os movimentos gestuais, por exemplo, não possam estar presentes no documentário sonoro, foram importantes desde a escolha dos colaboradores, mostrando traços de sua personalidade e envolvimento com o tema.

Um aspecto importante também levado em consideração foi o fato de sempre deixar o entrevistado a vontade no decorrer do depoimento, visto que as pessoas só se sentem devidamente valorizadas quando entendem sua importância e participação no contexto em que se inserem.

Por muito tempo, a história factual foi mais valorizada pelos estudiosos (informação oral)⁴. Afinal, ela apresenta, em sua essência, vestígios históricos escritos, materializados e comprovados, portanto sem quaisquer contradições (na teoria). No caso da História Oral, leva-se em conta, em suma, a oralidade do entrevistado; a captação e a transcrição oral que, por fim, se transforma em documento escrito – muitos estudiosos desqualificam a História Oral pelo fato de o entrevistado, em geral, não ser um estudioso no ramo, mas um cidadão que está somente dando um relato pessoal a partir de suas lembranças, que podem ter “nuances de comportamento”, ou seja, a expressão das recordações de forma diferente a cada dia e/ou momento. Trabalhar com memória é algo bem dinâmico já que está em constante reelaboração e pode sofrer alterações/modulações que variam de acordo com o tempo (MEIHY, 2002).

Mas isso não invalida, de forma alguma, a importância desses depoimentos; ao contrário, ainda questiona-se o motivo pelo qual algumas lembranças são mais nítidas e presentes do que outras, além do fato do presente atuar e até modificar essas memórias. Trabalhar com História Oral também inclui a presença do esquecimento, do silêncio, do riso, do choro e todas as possíveis manifestações, que deve-se sempre acompanhar com o máximo de atenção e o mínimo de interferência.

A partir da fundamentação e definição do tipo de memória que seria abordada no trabalho, os entrevistados puderam levantar muito mais que memórias propriamente ditas; eles mostraram aspectos de suas vidas e um traço dos “fatores identitários” que cada um

⁴ Informação fornecida pela professora de História Oral e Telejornalismo, Heidy Vargas, em 05 de agosto de 2013.

apresentou nesse mosaico cultural que acabou se formando nesse quadro de convidados (MEIHY, 2002).

A importância da História Oral passa a ser “extraoficial”, ou seja, é um conhecimento que vai além da teoria, já que o relato de pessoas comuns sobre um determinado assunto adere mais indivíduos a refletir nossa sociedade contemporânea em um sentido público (MEIHY, 2002), ao contrário do conhecimento científico que é “distante, mecânico e muito disciplinado” - nas palavras de José Carlos Meihy. E ele ainda reforça: “A história oral tem aceitação popular exatamente porque desmente a imperiosidade do formalismo disciplinar acadêmico”. (MEIHY, 2002, p. 21)

Afinal, “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral”. (BOSI, 1979, p. 85)

Quanto à matéria de teoria, técnicas e codificações, o grupo entrou em contato intenso com a formação de paisagens e efeitos sonoros, tal qual locução. Em sala de aula foram produzidos experimentos laboratoriais para auxiliar na montagem final do documentário sonoro. Para a edição, foi criado um roteiro com toda a minutagem e decupagem a ser utilizada; todas as entrevistas foram transcritas, facilitando o trabalho do editor. Foi necessário muita sensibilidade para escolher os efeitos sonoros, pois cada um deles expressa determinado sentimento ao ouvinte.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Realizado por um grupo de nove alunos, o projeto teve orientação da professora Heidy Vargas e foi produzido de março de 2013 a junho do mesmo ano com reuniões semanais durante as aulas.

O documentário sonoro consiste em abordar um determinado tema com grande profundidade, entrando em contato com uma pesquisa detalhada de entrevistados e sonoridade, incluindo montagens e elaboração de roteiro. O formato de documentário escolhido foi o documentário sonoro narrado, que aborda entrevistas, bate-papos, depoimentos, efeitos de som e músicas.

No processo de produção do documentário sonoro, foram utilizados como bases teóricas os conceitos de Linguagem Radiofônica e Paisagem Sonora, relacionando-os a fim de colocar em prática todos os seus elementos, tais como locução, trilhas e efeitos sonoros, sendo estes os responsáveis por situar os ouvintes nos ambientes físicos e psicológicos em questão.

Sabendo que o produto principal e objeto de estudo deste documentário sonoro eram justamente as memórias dos telespectadores, procurou-se utilizá-las como base para a construção do roteiro, que foi idealizado a partir dos pontos mais relevantes de cada depoimento. Também foram inseridas locuções, passagens e efeitos sonoros, todos em seus lugares determinados para facilitar o processo de edição, tornando-o mais rápido e dinâmico.

Na realização do Ensaio Fotográfico, foi discutida a técnica da Linguagem Fotográfica - pautada em elementos como enquadramento, foco, ângulo e iluminação - somada à criatividade necessária para o processo de composição, utilizada tanto na reprodução das marcas, como nos retratos dos entrevistados, de forma a expressar, por meio da fotografia, todas as memórias e sentimentos que foram lembrados e revividos durante os depoimentos.

Dentro do universo técnico radiofônico é preciso tomar cuidado para a construção de uma boa Paisagem Sonora. Podemos defini-la como um “conjunto de sons que nos localizam num espaço físico (geográfico) e/ou psicológico (emocional)”⁵. É um recurso sonoro que possibilita a construção de sentido e a identificação de algo a partir do uso, exploração e/ou sincronia de alguns elementos – música, efeito, ruído e/ou silêncio. (SILVA, 2006).

“Quando sonoplastia e texto entram em equivalência, um traço de materialidade da palavra é emprestado à sonoplastia e vice-versa” (SILVA, 2006, p. 7). No documentário sonoro produzido, procurou-se mais do que apenas relatar as memórias dos nossos entrevistados e telespectadores dos anos 1970; o objetivo foi ir além “do texto”. Assim, a sonoplastia que foi criada ao longo do produto radiofônico (o vento, os soldados marchando, bombas e tiros, os efeitos de passagens e entre outros) foi utilizada para que o ouvinte pudesse imaginar e se situar dentro do contexto apresentado e nos relatos de nossos colaboradores.

Não nos limitamos àquilo que vemos, ouvimos e sentimos fisicamente. Temos sentimentos, sensações e desejos despertados por meio de nossos sentidos. Sentidos entre os quais, nem sempre, a visão está em primeiro plano. (BALDO, 2004, p. 01)

A construção da Paisagem Sonora é resultante de um fio condutor: a História Oral, ou seja, os relatos e memórias vivas de nossos quatro colaboradores. Dessa forma, cada

⁵ Informação fornecida pelo professor de Linguagem Sonora e Radiofônica, Diego Franco Gonçalves, em 09 de agosto de 2013

locução também foi muito bem pensada, a entonação precisa convencer o ouvinte e casar sonoplastia com o assunto retratado. Para isso, foram utilizadas vozes com tons mais graves para assuntos recorrentes à ditadura militar e locutores de tons agudos com modulação maior para assuntos ligados à publicidade, um tema leve e que os colaboradores tiveram lembranças mais felizes. A partir disso, foram usados, também, três diferentes backgrounds: um que cria um clima de tensão (referente à ditadura), outro com mais ritmo (para acompanhar as locuções agudas) e os próprios jingles, que reafirmaram os relatos dados nas entrevistas. Os efeitos utilizados em grande parte do produto também puderam criar associações, direções e instruções para que o ouvinte se sentisse o mais próximo possível do ambiente criado e representado. Por fim, o silêncio em alguns momentos foi mantido propositalmente no processo de edição, já que simbolizava o esforço dos nossos entrevistados em lembrar/cantar alguns jingles ou recorrer a certas lembranças.

O uso do silêncio quando contextualizado dentro de uma estrutura sintática tem a possibilidade de adquirir significados que, por sua vez, podem realçar a importância da continuidade sonora, ou podem [...] representar um mistério, uma dúvida, [...] expectativa, o descaso, a desinformação. Mas deve estar contextualizado para que não seja interpretado como uma falha, um ruído (BALDO, 2006, p.3)

A edição definitiva do documentário sonoro tem duração de dez minutos, sem intervalos. É composto pela locução de quatro pessoas, divididas por seus timbres de voz, usados para retratar e provocar determinadas sensações aos ouvintes. O produto final foi apresentado para a banca de professores juízes no final do segundo semestre de 2013.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste projeto, pudemos relacionar a teoria aprendida em sala com a prática do documentário sonoro; mais do que a entender e aplicar essas técnicas, porém, exercitamos a sensibilidade necessária para situar e impactar o ouvinte no decorrer dos depoimentos, fazendo-o sentir toda a carga emocional contida nas palavras dos colaboradores, de forma que se insira no contexto que está sendo contado e se envolva com essas lembranças. Tudo o que presenciamos durante as entrevistas foi colocado da maneira mais fiel possível no documentário sonoro, como a emoção, o esquecimento e até mesmo a divergência de opiniões sobre o contexto político-social vigente. Também utilizamos as técnicas da História Oral para coletar essas lembranças, entendendo sua importância frente à história factual – que é frequentemente mais aceita.

Como vimos, a oralidade dos colaboradores foi fundamental para traçar o ponto de vista dos consumidores da época e saber como reagiam às propagandas. E isso trouxe não só memórias sobre os conteúdos veiculados como também histórias pessoais decorrentes dos mesmos, o que torna esses depoimentos ainda mais relevantes e únicos, fazendo-nos perceber o impacto da publicidade na vida dos telespectadores da época, e o motivo pelo qual estes ainda se recordam dos jingles e contexto das propagandas.

E esse aprendizado não foi restrito ao grupo, alcançando também os próprios colaboradores, que reconheceram a importância de seus relatos para o resgate de memórias, ainda que seus depoimentos não lhes parecessem extremamente contundentes a princípio.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARACHO, M. L. G. **Televisão brasileira: uma (re)visão**. [Paraná: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais], 2007.
- BOSI, E. **Memórias de Velhos**. [São Paulo: Companhia das Letras], 1979. 488p.
- BRAUNE, B; XAVIER, R. **Almanaque da TV**. [Rio de Janeiro: Ediouro], 2007, 305p.
- DOS SANTOS, R. E. **As teorias da comunicação: da fala à internet**. [São Paulo: Paulinas], 2008. 127p.
- FREITAG, B. **A Teoria Crítica: ontem e hoje**. [São Paulo: Brasiliense], 1989. 184p.
- HABERT, N. **A Década de 70 – Apogeu e Crise da Ditadura Militar Brasileira**. [São Paulo: Ática], 1992. 95p.
- KEHL, M. R. **Um só povo, uma só cabeça, uma só nação**. [Rio de Janeiro: Aeroplano Editora e Senac Rio], 2004.
- MARCONDES, P. **Uma história da Propaganda Brasileira**. [Rio de Janeiro: Ediouro], 2001. 249p.
- MARCONDES, P. RAMOS, R. **200 anos de propaganda no Brasil: do reclame ao cyber-anúncio**. [São Paulo: Meio & Mensagem], 1995. 159p.
- MATTOS, S. **Televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. [Salvador: Editora Ianamá], 2000. 344p.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 4ª edição. [São Paulo: Loyola], 2002. 291p.
- SOBRINHO, J. B. O. **O Livro do Boni**. [Rio de Janeiro: Casa da Palavra], 2011. 352p.
- WALLACH, J. **Meu capítulo na TV Globo**. [Rio de Janeiro: Editora Topbooks], 2011. 231p.